

Suplemento do Património

Mensal | Ano 12 | N.º 85 | distribuição gratuita | Revista Municipal

A Igreja de São Paio de Casais

Na abertura mais ampla do vale do rio Mezio, que corre, vagaroso, por campos planos e ricos, Casais é uma terra antiga que abriga tradições e memórias – é uma terra de permanências – num compromisso sábio entre conservar e evoluir. Foi a agricultura a maior riqueza desta terra, como poderá testemunhar o imponente solar da Quinta da Tapada, vigilante, sobre os lameiros.

BREVE NOTA SOBRE A ADMINISTRAÇÃO ECLESIASTICA

A referência mais antiga que se conhece relativa à igreja de Casais encontra-se num documento datado de 1107 referente a uma doação de diversas propriedades que Ermesenda Trastemires fez ao mosteiro de Pendorada (Marco de Canaveses)¹. A parte do texto que, para o presente assunto, interessa diz o seguinte: *Et de illa parte Tamice, in ripa Sausella IV. de Villa Nova, et IV. de illa Ecclesia, vocabulo Sancti Palagii [...]*². O enquadramento geográfico circunscreve com exactidão *in ripa Sausella*, ou seja, no curso superior do rio Sousela, afluente do Sousa, moderna e contemporaneamente designado por rio Mezio³. Trata-se, portanto, da doação da quarta parte de *Villa Nova* (quicá uma *villa* ou um *casale*),



Fig. 1 - Vista do adro e fachada principal

hoje um lugar da freguesia de Casais, e da quarta parte dos direitos da igreja da mesma freguesia, cujo orago é precisamente São Paio ou São Pelágio. Pertenceu a Domingos A. Moreira a identificação desta passagem com a freguesia de Casais (1984:42), embora José Mattoso evidenciasse dúvidas em relacionar a *Ecclesia, vocabulo Sancti Palagii* com a que se viria a tornar a paróquia de Casais (2002:133, 147 e 149). No entanto, este autor

Cristiano Cardoso* e Elsa Silva**

sugere uma localização para o topónimo *Villa Nova* que corresponde ao actual lugar situado na freguesia de Casais, como se pode observar num mapa que insere na obra referida (idem:90). Conquanto as reservas que só o desenvolvimento de novos estudos poderá afastar, optamos aqui pela posição que Domingos A. Moreira veicula, pois parece-nos claro que *in ripa Sausella* a única igreja *vocabulo Sancti Palagii* é a de Casais. Podemos assim depreender que, à semelhança de quase todas as igrejas paroquiais, a igreja de Casais foi fundada por iniciativa particular de um senhor local e dotada com bens próprios (Oliveira, 1950:32)

em data posterior ao primeiro quartel do século IX. A adopção do orago São Paio, santo mártir



Fig. 2 - Vista para a capela-mor

* Técnico Superior de Ciências Históricas. CML.

** Técnica Superior de História de Arte. RR.

¹ Teixeira Lopes considerou este documento como respeitante à freguesia de Sousela (2004:347), opção que consideramos incorrecta, assim como a interpretação do seu conteúdo, como aqui fica sustentado.

² A leitura aqui apresentada é a das *Dissertações Chronologicas e Criticas...* (Ribeiro, 1810:235), seguida por Domingos A. Moreira (1984:42).

³ Sobre a etimologia de Sousela cf. Fernandes, 1999:556.

muito venerado na Península Ibérica, permite-nos este balizamento, pois o seu martírio ocorreu por volta do ano 825 (Réau, 1998:81). Os fundadores tinham, portanto, o direito de transmitir a sua igreja aos herdeiros (*herdadeiros*), podendo assim este património ficar dividido em várias porções, sem que contudo se pudesse alienar para fins temporais. Cada um dos detentores destas porções dispunha de



Fig. 3 - Pormenor do trabalho de estuques

uma quota-parte do direito de apresentação do clérigo e de recolher o remanescente dos rendimentos da igreja, após deduzidas as despesas com o culto e com o clero (Oliveira, 1950:131). Concluindo, uma quarta parte da igreja de Casais foi doada ao mosteiro de Pendorada por Ermesenda Trastemires juntamente com a quarta parte de *Villa Nova*. Muito provavelmente o mosteiro não procurou nos anos subsequentes adquirir as restantes partes que consolidariam a total dependência da igreja à abadia e até terá procurado aliená-la. Nas Inquirições de 1258 a igreja aparece na posse do mosteiro de Roriz e de *herdadeiros*, facto que mostra que Pendorada já tinha alienado a sua posição. Mais tarde o mosteiro de Vilela viria a assegurar parte dos direitos sobre a igreja de São Paio de Casais, ficando este direito a ser exercido em regime de compadroado (Santos, 1972:112 e 113) (Costa, 1706:396). Contudo, em 1758 o pároco de Casais afirma que a apresentação pertence ao Papa e à Mitra do Porto (Capela, Borralheiro e Matos, 2009:303), enquanto a *Estatística Paroquial* diz tratar-se de apresentação alternativa do Papa, da Mitra e dos Cônegos Regrantes (Leal, 1990), discrepâncias que poderão indiciar algum tipo de diferendo entre instituições relativamente ao direito de padroado. O facto do mosteiro de Vilela pos-

suir vários casais nesta freguesia poderá estar na base do interesse em adquirir os direitos de padroado da igreja e, assim, assegurar uma administração mais directa. Ao longo do século XII e XIII o mosteiro de Vilela vai empreender um processo determinado de aumento das suas propriedades. Embora muitos bens lhe tivessem sido doados, há uma intenção clara de constituir património através da compra. Os primeiros registos deste desígnio são relativos aos bens deixados pelo clérigo Ermígio Viegas ao mosteiro de Santo Estêvão de Vilela, em 1127. Tratava-se de toda a herdade de Serradelo e de um casal em Vila Nova (Lopes, 2004: 205). Anos mais tarde, em 1207, Boa Pais vai vender ao prior do mosteiro, Mendo Ermíges, o seu casal do Carregal, que deste modo integrará as propriedades deste cenóbio até ao século XIX (Cardoso, Magalhães e Moreira, 2008:8 e 27). Nas Inquirições de 1258, o pároco D. Bartolomeu, informa que havia no lugar de Casais três propriedades do mosteiro de Ferreira e em Carrazedo mais uma. O mosteiro de Vile-

la possuía dois casais em Vila Nova e outro em Carrazedo. Neste mesmo lugar o mosteiro de Santo Tirso tinha dois casais e Constança Aires, monja de Lervão, trazia outro. No lugar de Vila Nova havia um da igreja de Nogueira e outro do mosteiro de Roriz. No total eram doze os casais citados, sendo dez pertencentes a instituições monásticas.

IGREJA DE SÃO PAIO

É um edifício muito equilibrado na sua construção, desenhado com bastante originalidade e imponência, com a torre a erguer-se bem acima do entablamento e dos remates da fachada. Será obra dos finais do século XVIII, princípios do século seguinte (fig.1). No muro que delimita o adro encontra-se uma inscrição em muito mau estado de conservação, consequência das características do granito usado no suporte e das, bem-intencionadas mas destrutivas, tentativas de *limpeza* da epígrafe. Distribuída ao longo de 10 linhas, obtém-se a seguinte leitura: ESTA / OBRAMA / NDOVFAZ / ERPOR-SVA / DEVOCÃO.P / DANTO..ON / AVAISTAME / IRAOPTABB / ...AI.... / ANNO-1809. A interpretação da mesma é simples e revela: ESTA OBRAMANDOU FAZER



Fig. 4 - Vista da capela-mor para a nave

POR SUA DEVOÇÃO [o] P[a]D[re]
ANTONIO NAVAIS TAMEIRAO
P[in]T[o] ABB[ade] [dest]A [Igreja]
ANNO - 1809. Contudo, não é possível esclarecer se esta epígrafe é evocativa das obras de construção (ou remodelação) da igreja, ou se diz unicamente respeito à regularização e delimitação do adro. Ainda assim, constitui uma referência importante para a cronologia do edifício.

Actualmente, a igreja apresenta uma estrutura arquitectónica composta por planta longitudinal de uma só nave, torre sineira adossada do lado esquerdo, capela-mor e sacristia que se prolonga num volume bastante extenso, de construção mais recente. A enquadrar o espaço temos o adro delimitado por muros baixos e um cruzeiro.

A igreja paroquial de São Paio de Casais transmite em alguns pormenores o espírito da arquitectura neoclássica. A fachada principal da igreja é dividida em três panos através da utilização de pilastras bastante pronunciadas, sendo o pano central mais largo dos que os laterais.

Apresenta um portal simples de linhas rectas sem qualquer ornamentação. Ao centro um janelão de forma rectangular permite a entrada de iluminação para o interior do espaço da nave. A rematar a fachada temos um frontão semi-circular, terminado ao centro por uma cruz latina trilobada. A coroar o entablamento são utilizados pináculos e duas figuras de cariz religioso, uma das quais realizada em granito, que nos parece ser da mesma época da construção da igreja. No nosso entender poderá ser alusiva ao orago da Igreja São Paio, no entanto não conseguimos apurar a sua identidade, porque parte dos membros superiores encontram-se fracturados, o que não nos permitiu entender claramente a sua representação. A outra imagem que sobressai é uma figura em calcário, mais recente e alusiva a São José, que provavelmente veio substituir uma outra imagem que faria con-



Fig. 5 - Altar do Sagrado Coração de Jesus



Fig. 6 - Altar lateral direito

junto com a imagem em pedra mencionada anteriormente.

A torre sineira, bastante proeminente, impõe-se na fachada pela sua verticalidade e pelo seu desenho elaborado. O corpo da torre é dividido em dois registos e rematado por uma cobertura piramidal, revestida a azulejo.

O volume correspondente à nave é ritmado nos seus alçados por janelas rectangulares delimitados por cantaria e rematado por pináculos e cruz latina. O alçado lateral norte, encontra-se quase todo ele “escondido” por uma construção, bastante mais recente em re-

lação ao espaço da igreja. O alçado sul, bastante mais límpido, é também composto por dois vãos de iluminação de forma rectangular e por uma vão de entrada de linhas simples e simétricas.

A capela-mor, de forma rectangular, mais baixa do que a nave é terminada em empena triangular e rematada por pináculos e uma cruz ao centro. É composta por dois vãos de iluminação distribuídos lateralmente, que permitem a entrada de luz.

O interior da igreja encontra-se bastante alterado, no entanto, ainda encontramos alguns elementos que se destacam. Quanto à imaginária é importante mencionar que esta igreja sofreu uma enorme reforma e que grande parte das imagens será obra de uma oficina de arte sacra de Freamunde. Na nossa análise a maioria das imagens são bastante recentes enquanto as outras foram bastante adulteradas pela mesma oficina.

O interior da capela-mor (fig.2) é composto por uma estrutura retabular assimétrica e bastante movimentada nas suas formas, relembrando os altares da segunda metade do século XVIII. No entanto, no seu todo denota-se que já sofreu várias mutações, perdendo grande parte da sua originalidade. O altar é composto por base, corpo e remate. No corpo, ao centro encontramos uma pintura sobre tela com a representação da Ressurreição de Cristo, adquirida pela paróquia o ano passado. Lateralmente vemos duas esculturas de vulto, representando o orago, São Paio, e São Sebastião.

É de destacar, no espaço da capela-mor o pormenorizado trabalho de estuques (fig.3) com temática alusiva à Paixão de Cristo, bem como as duas telas inseridas em molduras em madeira com as representações dos dois Pilares da Igreja Católica, São Pedro e São Paulo, recentemente intervencionadas, bem como o trabalho do tecto pintado em

madeira. A separar o espaço da nave para a capela-mor abre-se o arco cruzeiro, cujo intradorso se encontra ornamentado com motivos de temática religiosa.

Da vista da capela-mor para a nave (fig. 4) destaca-se o coralto em madeira, assente em arco abatido. Na nave estão presentes três altares laterais. Um deles, dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, formalmente, apresenta-se com uma estrutura mais simples comparativamente com os restantes retábulos que compõem a Igreja (fig 5). Segue os cânones dos retábulos neoclássicos de forma simétrica e sem grande movimentação nas suas formas.

O altar lateral direito (fig. 6) apresenta uma estrutura mais elaborada, tanto do ponto de vista do trabalho da talha como da iconografia. Ao centro abre-se um vão onde vemos a representação de Nossa Senhora e o Anjo Gabriel, representando o tema da Anunciação (fig.5). Ainda presentes neste mesmo altar estão duas imagens, o Menino Deus e São José.

Do altar lateral direito (fig.7), destacam-se ao centro as imagens de Cristo Crucificado e Nossa Senhora das Graças.

Nas Memórias Paroquiais de



Fig. 7 - Altar lateral esquerdo

1758 temos a imagem aproximada da disposição dos seus altares. O orago, São Paio, mártir, está a sua *Imagem collocada no altar da capella mor, e tem esta Igreja dous altares collaterais, hu do Santo Nome com sua Imagem, e outro da Senhora da Conçolação com sua imagem, e hé preveligiado com bulla* (Capela, Borralheiro e Matos, idem). Nesta época a igreja de Casais deveria ser um edifício bem mais modesto do que aquele que,

mais tarde, veio a ser construído. Ainda na nave temos o púlpito que segue os mesmos parâmetros de ornamentação do trabalho das restantes estruturas retabulares.

De salientar o trabalho de todas as sanefas que rematam os vãos da igreja, assim como o trabalho de talha que ornamenta o arco cruzeiro.

No tecto da nave em madeira pintado, estão representados nas extremidades, textos alusivos a São José e São Paulo, na posição oposta encontramos mais duas referências, mas apenas uma conseguimos apurar, e que é referente a São Pedro.

Ao longo das paredes da nave e do arco cruzeiro somos presenteados ainda por alguma imaginária de execução bastante recente, entre elas: Nossa Senhora de Fátima; Santa Teresinha, Santa Mónica, Nossa Senhora com o Menino, etc.

No seu todo a igreja de São Paio de Casais é bastante curiosa, no entanto, importa reflectir sobre as diversas intervenções que esta igreja tem vindo a sofrer e que na nossa opinião não têm sido benéficas para a preservação da personalidade arquitectónica e artística do conjunto.

Fontes impressas:

- CAPELA, V., MATOS, H. e BORRALHEIRO, R. (2009) – *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Memórias, História e Património. Braga. Edição de autor.
- COSTA, A. C. da (1706) – *Corografia portugueza*. Lisboa: Valentim Costa Deslandes. Tomo I. [Em Linha]. [Consult. a 4.3.2011]. Disponível em <http://purl.pt/434>
- RIBEIRO, J. P. (1810) – *Dissertações Chronologicas e Criticas...* Lisboa: Academia Real das Sciencias. Vol. I.

Bibliografia:

- CARDOSO, C., MAGALHÃES, P. e MOREIRA, C. (2007) – *A casa do Carregal e a quinta da Tapada: 800 anos de história*. Lousada: Reviver Editores.
- CASTRO, A. (2004) – *Santos que Curam e Protegem: Registos Devocionais do Concelho de Ovar*. Ovar: Câmara Municipal.
- FERNANDES, A. de A. (1999) – *Toponímia portuguesa (Exame a um dicionário)*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense.

- LEAL, A. S. d'A. B. P. (1990) – *Portugal Antigo e Moderno...* Lisboa: Cota d'Armas, Editores e Livreiros. (Ed. fac-similada da 1.ª ed.).
- LOPES, E. T. (2004) – *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal.
- MATTOSO, J. (2002) – *A abadia de Pendorada: das origens a 1160*. Mem Martins: Círculo de Leitores. (Obras Completas de José Mattoso - 11).
- MOREIRA, D. A. (1984) – *Freguesias da diocese do Porto. Elementos Onomásticos alti-medievais*. in *Boletim Cultural*. Porto: Câmara Municipal. 2.ª série, vol. 2.
- RÉAU, L. (1998) – *Iconografia del arte Cristiano*. Barcelona. Ediciones del Serbal. Tomo II, vol. 5.
- SANTOS, C. A. D. (1973) – *O Censal da Mitra do Porto: subsídios para o estudo da diocese nas vésperas do Concílio de Trento*. (Documentos e memórias para a história do Porto, 39). Porto: Câmara Municipal.
- SILVA, J. e CALADO, M. (2005) – *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença.
- OLIVEIRA, M. de (P.e) (1950) – *As paróquias rurais portuguesas: sua origem e formação*. Lisboa: União Gráfica.